P. P. I.
PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.
GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA
Telef. 36 69 12 - 32 64 54

Centro de Documentação e de Publicações FUNDAÇÃO CUIDAR O FUTURO

POLÍTICA NACIONAL (N)
"EDIÇÃO ESPECIAL"
12.1.79

+ Recortes + P.P.I. + Recortes Classificados + P.P.I. + Recortes Classificados + P.P.I. + Recortes Classificados + P.P.I. + Recortes

«Mudar a vida, passar da reivindicação à inovação criadora!» *(Lurdes Pintasilgo)*

O jogo dos «bispos» e dos «cavalos» no jogo do Governo de Lurdes Pintasilgo

● Poderá Portugal vir a ser o País ideal para a alternativa viável?

Terceiro e último de uma série de artigos de Virgílio de Lemos sobre a filosofia e o «comportamento» sociopolítico do V Governo e do Primeiro-Ministro

Logo de início, o que devemos estranhar no caso de Lurdes Pintassilgo é o facto dos MEDIA reflectirem o alinhamento, senão a filiação político-partidária que os define, inclusive na construção do retrato político do novo primeiro-ministro.

Onde está a ética, a autonomia e a lucidez que conduzem à transparência, numa informação que se deveria caracterizar pela sua isenção crítica? Será que uma informação dependente ou subalternizada pelos partidos e também pelo Poder, cumpre a sua função?

Em dois artigos anteriores em EE, procurámos compreender as razões do comportamento, a maneira "de ser e estar na vida", que explicariam uma atitude e uma tomada de posição que não fossem apenas teóricas e que nos permitissem traçar o itinerário político de LP.

O que faz correr LP? Será apenas a publicidade que a transforma num novo "gadget" do general Eanes para seduzir os portugueses, a quem se não podem oferecer regularmente telenovelas? Independentemente da sua vontade, será LP esse "gadget" do presidencialismo de que falava Joel Kuntz no jornal parisiense "Le Matin" (próximo da linha "rocardiana" do P.S. francês)? Aceitaria LP de "jogar a rainha", a margem de manobra e a condição do "ser e estar" de um simples Bispo do General-Rei? LP afirmou publicamente que não: que era inteiramente responsável pelo governo e pelos seus actos; que o PR respeitaria escrupulosamente a independência de cada órgão de soberania".

Como os mecanismos do Poder e do sistema condicionam a própria vontade política de cada um dos seus tenentes, aguardemos que a prática forneça a resposta exacta à nossa interrogação.

Conhecendo-a, na sua qualidade de Embaixador de Portugal na UNESCO, procurámos, num primeiro tempo, dar as grandes linhas da filosofia desta pensadora portuguesa que viveu em Paris, no coração dos grandes problemas e dramas internacionais.

Ultimamente temos procurado aprofundar o conhecimento da sua filosofia, através dos seus textos. Poderá ela determinar ou influenciar a legislação e a prática do V Governo?

A minha pesquisa à volta da acção e pensamento de LP, tem dois objectivos: conhecer e dar a conhecer a génese do seu pensamento, ligado a um "projecto existencial" de sociedade "ética"; descobrir e fornecer elementos que possam contribuir para um debate e uma acção em que intervenham os interessados, aqueles que raramente (ou nunca), antes ou depois do 25 de Abril, tiveram voz activa. E neste largo sector da "arraia miúda" convirá não esquecer a força política e social que representam já, tanto os emigrantes quanto os retornados, empenhados em demonstrar que a conotação que se lhes inflige de reaccionários é caricatural, porque eles foram, e são, democratas e liberais, opositores a qualquer tipo de ditadura civil ou militar.

Lurdes Pintassilgo era, mesmo antes de ser indigitada para primeiro-ministro, figura internacional de relevo. A sua intervenção em conferências e seminários em Paris tinha atirado já as atenções gerais. LP defende uma democracia que seja verdadeiramente democrática e humana, onde se respeitem os direitos do homem. É contra arbitrariedades e prepotências, venham elas das democracias ditas populares ou das democracias parlamentares do Ocidente.

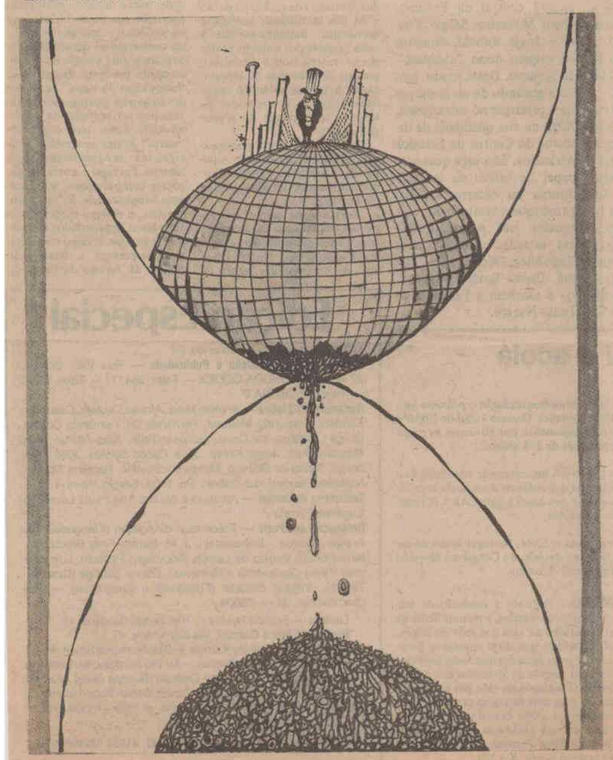
O seu pensamento, o seu "projecto existencial", a filosofia que ela encerra merecem que os portugueses se debrucem seriamente sobre ele. Exactamente porque neste momento "a sociedade industrializada da produção-consumo-destruição", caminha para o seu fim, e forças sociais importantes procuram "recivilizar a civilização industrial, hoje degradada pela internacional tecnocrática", compreende-se a vontade de realização do "projecto existencial", onde há simbiose entre "matéria das estruturas e espírito das mentalidades", onde a própria estrutura decorre de uma centelha, encarna um pensamento, é portadora duma concepção que transcende o imediato das coisas, dos objectivos, das pessoas", como ela escreveu já.

Pelos seus próprios condicionamentos geo-políticos pelo seu subdesenvolvimento (trata-se de uma sociedade predominantemente rural habituada à pobreza), Portugal, que ainda não foi totalmente devorado pela internacional tecnocrática, embora aumentem as pressões do FMI e das multinacionais europeias e americanas, pode tornar-se o país ideal para "a alternativa viável". A alternativa que é uma das raras saídas que nos restam depois de terem falhado a do corporativismo-salazarista, a de plataforma de produtos semi-acabados "das multinacionais, assim como a recusa dos modelos de "comunismo de guerra" e do capitalismo de estado dito socialista.

Integrar esta Europa, encabeçada pela RFA ou pela França, representaria um "suicídio voluntário" a médio prazo. "Mudar a vida, esboçar novos valores e suscitar as condições de experiência que os tornam reais" será talvez descobrir em nós potencialidades adormecidas, capacidades e deleites ignorados, o segredo insuspeitado e existencial que vive esquecido no nosso corpo. A alternativa viável que nos é oferecida exclui a política e a religião como "espectáculo", mas exige de nós a vivência empenhada e quotidiana dessa experiência. Mudar a vida, exige um desafio permanente contra as "mistificações do poder", a coragem de se porem em questão mecanismos de decisão que parecem intocáveis", exige que ataquemos a lógica do "status quo"

Projecto ambicioso e "utópico"? Certamente. Mas não sonhamos todos com Pasargada?

Esta semana jogam bispos e cavalos. Quantos peões mais foram sacrificados?



Poderá a filosofia de L.P. determinar ou influenciar a legislação e a prática do V Governo?

"A avidez de significado, a necessidade imperiosa de haver significados estabelecidos, fixos, tornou-se o equivalente da necessidade de afirmação pessoal – dum autor, dum grupo, duma sociedade e da sua ideologia dominante".

Ana Haterly em "O espaço crítico – do simbolismo à vanguarda" Ed. Caminho 1979

Na cena política portuguesa surgiu neste Verão de 79 uma pensadora. Alguém para quem a mutação da sociedade estática exige uma transformação ou revolução cultural sem espectáculo.

Este projecto existencial passa por uma revolução teórica definida pela filosofia. É esta última quem confere o seu sentido, um sentido transcendente, ao projecto em questão.

● Uma leitura atenta dos seus textos, do seu discurso, poderá explicar-nos a génese do seu pensamento. As intersecções multiplicam-se. A história compõe-se de dois movimentos: a história dos homens e a história de Deus. Ela é contra o imobilismo, é contra o espectáculo que permite que enquanto uns decidem, pensam e analisam, outros, a maioria, executam.

Relativamente à crise da Igreja, quando falamos com outros cristãos, diz LP: "Espera-nos um discurso sobre as vicissitudes da Igreja, como se a Igreja não fôssemos todos nós. Todos e cada um, pedras vivas do templo de que só Jesus Cristo é a pedra angular". Debrucemo-nos sobre a sequência do seu pensamento: "Toda a análise que não conduz à nossa própria auto-análise corre o risco de ser impotência disfarçada, medo interiorizado, refúgio apaziguante da culpabilidade recalcada. "Eu-na-sociedade, eu-na-Igreja", é o único ponto de partida possível para a percepção do movimento da história e para a contribuição pessoal para esse movimento. De fora, é possível cristalizar imagens mas não é possível recriá-las. A identificação é condição, não só ética mas técnica, para que a mudança que desejamos ver operada se processe, inscrevendo-se na nossa própria dinâmica de mudança (...)".

A alternativa viável, aquela que no seu entender "muda a vida", implicaria a necessidade de antes de mais, "sermos", gostosamente, imaginativamente, criativamente. É necessário, em cada etapa, perante novos movimentos e condições, "sermos de outra" maneira, diluindo-nos como o sal na terra que queremos saborosa e apetecível para todos os homens e para cada homem. Afinal, prossegue LP, duas exigências "éticas", bem tradicionalmente cristãs: por um lado, ultrapassar a passividade com que nos deixamos conduzir numa sociedade e numa Igreja estáticas, tornando-nos livres para seguirmos Cristo em cada uma das suas passagens no meio da multidão que somos; por outro lado, aceitar a fundamental pobreza da diluição, da transparência e da revelação de nós próprios no tecido humano da sociedade e da Igreja. O Evangelho pede-nos que deixemos o refúgio do discurso das superestruturas para nos entregarmos ao campo aberto da concreta e quotidiana realidade, fazendo corpo com ela (...). "Mudar as estruturas, as mentalidades, os valores, as experiências, a sociedade, a Igreja – mudar tudo, mudando também a nossa vida. Não é isso, numa palavra, ser "sal da terra"?

De Cristo, renovador e libertador, passemos a outras intersecções que criaram o corpo da sua filosofia. Para tal, debrucemo-nos sobre os "movimentos femininos".

Nos últimos quinze anos, precisamente a partir de 1963, assiste-se, nas sociedades industrializadas do mundo ocidental, a um movimento de libertação do indivíduo cujo eixo passa pela mulher na luta pelos seus direitos. Se em 1952, com o seu extraordinário livro "L'Experience Vécue" Simone de Beauvoir não tivesse constituído o trampolim da revolução intelectual, talvez as mulheres não tivessem passado à acção directa e organizada, "porque consoladas" pelo regresso dos seus maridos da segunda guerra mundial.

Foi necessário mais dez anos para que, em 1963, a publicação de "A mística feminina" de Betty Freedman conduzisse a um movimento de consciencialização de todos os direitos negados à mulher.

De 1963 a 1973, os movimentos em defesa da mulher multiplicam-se: como nos diz LP, a recusa desses movimentos dirige-se igualmente àquilo que nas "sociedades industrializadas nos aparece como um mundo totalmente "controlado" e organizado, um mundo dominado pela lógica cartesiana, e onde a abstracção é o refúgio de todas as alienações". Num tal mundo, há apenas um modo de pensar, uma verdade (mesmo quando as nações se dizem democráticas e pluralistas). Tudo se explica a um nível de abstracção tal que o caso é o único a tende a ser considerada universal. Só aqueles que sabem servir-se dos instrumentos da racionalidade, e que o fazem segundo certas regras bem definidas, têm verdadeiramente acesso a esse mundo. O valor absoluto da razão está aliás subjacente, em termos de categorias filosóficas, ao modo de produção e de crescimento que caracteriza a nossa sociedade, e que aqui denunciamos".

● LP refere-se com uma certa reserva a muita da literatura actualmente produzida por mulheres, que lhe é incompreensível – "e nisso sigo timidamente Simone de Beauvoir" – mas reconhece que tais expulsões, quebrando todos os códigos estabelecidos, abram caminho a uma nova "expressão do vivido" que a deixa por momentos fascinada, pela riqueza insuspeitada que contém.

Se LP, neste aspecto, segue timidamente Simone de Beauvoir, ela vai tanto ou mais longe na denúncia da tecnocracia internacional e das suas estruturas. LP na sua autópsia e denúncia da sociedade industrial, será talvez tão subversiva quanto uma Rosa Luxemburgo, transplantada para os tempos actuais e cuja introspecção política nos é possibilitada pelos romances "1984", de George Orwell, "O Zero e o Infinito", de Arthur Koestler, e "Os Capangas do Chefe" de Robert Pen Warren.

LP não utiliza na sua denúncia uma linguagem ambígua ou sofisticada, quando se ataca a ideologia do crescimento pelo crescimento a propósito das mulheres que passaram já da dialéctica à acção. E é a própria LP quem dá exemplos: "por toda a parte, a mão-de-obra feminina alimenta as multinacionais de exploração: os têxteis, as confecções, a electrónica. Empresas instaladas num país como Portugal, foram rápida e eficientemente deslocadas para a Tailândia ou para Hong Kong, quando o aumento de salários o impôs. É como se as mulheres exploradas por estas grandes indústrias formassem uma grande corrente à volta do planeta, passando de mão em mão o terrível fardo da exploração". (...)

"Por toda a parte, as mulheres cultivam a terra e trabalham na indústria alimentar. Elas conhecem por dentro os esquemas do crescimento e sabem até que ponto eles são enganadores".

Porque razões LP recusa a centralização? Como ela explica, economia ou da história, subtraindo-o à manifestação da "santa aliança" dos grandes poderes".

As mulheres conhecem por dentro os esquemas do crescimento sabem até que ponto eles são enganadores

Trata-se no fundo de reintroduzir no campo da política um certo número de valores éticos: a liberdade, a compaixão e, quem sabe, a esperança. Talvez seja um projecto ambicioso, mas "a política sem a moral não é nada", acrescenta RGS.

● O projecto existencial de L. Pintassilgo poderia constituir um exemplo para uma Europa e um mundo em crise. que parece traduzir o termo da era do industrialismo.

Ao trabalho opressor de hoje, LP propõe o trabalho criador de amanhã.

Mas, uma vez integrada na máquina e nos mecanismos do Poder que ela própria recentemente denunciava, confrontada com as pressões do FMI e das multinacionais, venham da direita ou da esquerda do interior ou do exterior, disporá LP dos meios para a aplicação da sua política, da sua filosofia? Será esta determinante no programa do seu governo?

A "revolução cultural" que LP propõe aos portugueses será viável numa conjuntura de crise e de desencanto? De que meios financeiros disporá o seu governo para um projecto tão ambicioso? Poderá e deverá ser ele aplicado sem que os partidos políticos lhe dêem a sua caução? Estarão eles dispostos a fazê-lo quando se conhece o seu empenho em "governar sozinhos" para melhor repartirem os lugares chorudos pela sua clientela eleitoral e pelos seus caciques?

Certos observadores pensam que a escolha do general, representaria uma nova ofensiva para dividir a força do PS, a única que ele pode recear. O PSD e o CDS não constituem uma força, dado que a sua "aliança" é impossível particularmente ao nível das cidades e vilas do interior. Por sua vez, emigrantes e retornados parecem ter razões de queixa dos seus caciques. Mas na eventualidade da estratégia do General-Rei falhar, não desabará todo o "castelo de cartas" sábia e inteligentemente construído pela Rainha que aceitou a bússola de Eanes, aquela que define e limita o seu território do Poder?

À campanha (direi às campanhas eleitorais) vai suceder-se o cortejo de "discursos". Todos, e principalmente LP, estarão de acordo para sublinhar que o discurso não garante em nada a troca de sentimentos nem de pensamentos. "Garante unicamente", diz-nos Henri Lefébvre, "a das mercadorias no consumo, a manutenção das regras, a permanência dos modelos. O discurso sem respota é o terrorismo latente que se confessa: a publicidade, a propaganda, a rádio, a televisão, vozes discorrendo sem diálogo, mercadorias cujo consumo é obrigatório sob pena de insustentável isolamento. No limite, o silêncio – o de baixo".

Exactamente o contrário do pensamento de LP, da sua filosofia, pelo menos antes da subida ao Poder.

De que maneira os peões estarão dispostos a ser os seus "sujeitos" e a facilitar, em último recurso, o xeque mate ao Rei, se até aqui, "mudem os governos e as vontades", eles só puderam contar com as suas próprias forças?

planificar o crescimento implica que se estabeleçam centros que decidam e que comuniquem as suas decisões à periferia. Surgem assim "hierarquias" bem definidas, indispensáveis para que o poder central possa, através de escalões intermediários, atingir como objectos aqueles que deveriam ser "sujeito" da sua própria história.

É fácil compreender que as mulheres se insurjam contra uma tal situação. Ela vai até ao ponto de decidir quantos filhos deverão ter! Numa manifestação contra o "custo de vida", que se realizou na Lorena (França), há poucos meses, uma mulher empunhava um cartaz onde se lia: "os três filhos de Giscard já os tenho; mas qual será o seu futuro?" Que mais há a dizer? pergunta LP, ao denunciar "o mundo centralizado, o mundo do poder omnipresente, onde se cometem abusos em nome de grandes idéias e onde a violação das liberdades individuais assume formas cada vez mais subtis. É um mundo onde o poder atravessa as portas das casas e se instaura em todas as estruturas da vida em comum, em especial da família".

Relativamente à procura do essencial e do gratuito, LP descobre nas acções dos movimentos de mulheres, a resposta às situações que elas denunciam: "E ela refere-se aquilo a que o pensador francês Edgar Morin chama a "onda larga", a "onda de choque", dos movimentos sociais: a primeira corresponde, "grosso modo" a tudo o que se exprime no plano das massas e especialmente das massas de mulheres rurais e operárias. Face aos planos governamentais, aos discursos dos políticos, aos conselhos dos técnicos, as mulheres falam do que é preciso produzir e fazer, e discutem o porquê dessas escolhas. Situam-se no coração da vida, e a sua linguagem diz, como quem não quer a coisa, as "necessidades essenciais" das comunidades e dos povos. Pena é que as respostas a essas necessidades sejam decididas por superestruturas distanciadas de quem está na raiz mesma da produção mais elementar! Só a participação das mulheres poderá permitir que a modernização das sociedades se faça ao encontro das aspirações dos povos, e não ao sabor dos caprichos dos seus governantes... A "onda de choque" toma corpo em pequenas minorias das sociedades industrializadas. Ela fala de outra coisa. Propõe uma alternativa ao mundo de crescimento: ao fatalismo dos circuitos económicos dominantes, ela opõe a criação espontânea e artesanal, o gosto por um certo estilo de austeridade, a percepção, de que a qualidade vale mais do que a quantidade, de que o "menos" é por vezes "mais" (...).

LP é também, creio, contra "análises teóricas exaustivas ou distinções académicas vazias de conteúdo: à análise sectorial mais ou menos sistemática, as mulheres preferem a percepção global, a apreensção envolvente, onde a inteligência, a intuição e o sentir se confundem." (...)

Elas não se conformam com o imobilismo. Movem-se mais à vontade do mundo do "real anárquico", e é no interior dessa aparente anarquia que, como que movidas por uma bússola invisível, elas pressentem caminhos novos pelos quais avançam convictamente. Donde lhes vem esse sentido de orientação? Pergunta Lurdes Pintassilgo: "Quase me sinto tentada a reportá-lo a uma percepção particularmente aguda da dimensão transcendente da vida".

● Foi intencionalmente que nos limitámos até aqui a apresentar quase textualmente certos extractos do "discurso" de LP. Eles permitem, numa certa medida, situar LP através do seu pensamento e da sua filosofia. Nela se reflectem certas aspirações das forças sociais em "movimento" nas sociedades industrializadas: dimensão humana, diversidade, descentralização e direitos do homem.

Como disse R. G. Schwartzenberg ("Monde" 27-7-79), essas forças sociais pretendem "recivilizar a civilização industrial hoje degradada pela internacional tecnocrática: arrancar a independência aos grandes aparelhos de dominação que transformam o homem em matéria-prima da